

A Natureza [e Identidade] da Tipologia Bíblica – Questões Cruciais

Richard M. Davidson.¹

Resumo

A Tipologia pode ser definida como um empenho hermenêutico por parte dos escritores do Novo Testamento, como um estudo das realidades históricas da salvação no Antigo Testamento, ou dos “tipos” (pessoas, eventos, instituições) os quais Deus especificamente designou para corresponder e prefigurar preditivamente os aspectos de seu intensificado cumprimento antitípico (inaugurado, apropriado, consumado) na história da salvação no Novo Testamento. Em suma, a visão tradicional de tipologia e não a pós-crítica é corroborada pelos dados da Escritura.

Abstract

The Typology as a hermeneutical endeavor on the part of the New Testament writers may be defined as a study of the Old Testament salvation historical realities or “types” (persons, events, institutions) which God has specifically designed to correspond to, and predictively prefigure, their intensified antitypical fulfillment aspects (inaugurated, appropriated, consummated) in New Testament salvation history. In sum, traditional view of typology and not the post-critical is affirmed by data of Scripture.

Introdução

Quando o assunto da tipologia bíblica é mencionado, pelo menos em círculos mais populares, há normalmente vários tipos de

¹ Dr. Richard M. Davidson é o Diretor do Departamento do Novo Testamento da Andrews University. Gentilmente permitiu à Revista Hermenêutica a tradução e publicação deste artigo, cujo título original é *The Nature [and Identity] of Biblical Typology – Crucial Issues* (Midwest ETS Meeting, Northwestern College, St. Paul, MN, march 14. 2003). Tradução do Dr. Ozeas Caldas Moura.

relações. Alguns dizem: “Tipologia – o que é isto?”. Eles não têm nenhuma idéia do que a expressão significa. Outros dizem “Tipologia – oh, não!” Eles não acreditam que os tipos do Antigo Testamento realmente apontam a Cristo, ou então eles têm confundido tipologia com uma forma fantasiosa de alegoria. E alguns ainda dizem: “Tipologia – uau e amém!” Eles estão empolgados com o Evangelho nos tipos da Escritura.

Eu pessoalmente tenho expressado todas as três reações. Como um estudante na faculdade, eu tive um professor de religião que buscou sistematicamente desacreditar os tipos como genuínos prenúncios de Cristo e do Evangelho. Eu aceitei esta atitude cética durante vários anos. Então a beleza do Evangelho raiou em minha consciência de um modo novo, e como estudei mais uma vez o Antigo Testamento, fiquei convencido de que o Evangelho é belamente apresentado nele, em grande parte por sua tipologia. Li tudo o que pude ter em mãos que tratasse de tipologia.

Mas, neste momento um novo problema surgiu, um problema de interpretação formal. Todo autor que lidou com a tipologia, parecia propor sua própria lista de tipos bíblicos e suas próprias conclusões a respeito do significado dos símbolos e tipos. Muitas interpretações pareciam estar fundamentadas, em grande parte, na imaginação dos intérpretes, sem qualquer controle hermenêutico sólido oriundo da Escritura. Estaria toda interpretação tipológica baseada num fundamento tênue e especulativo, ou haveria princípios e controles partidos da Escritura? O peso desta questão eventualmente me acompanhou da faculdade aos estudos doutorais e emergiu como tópico de minha dissertação

A natureza da Tipologia Bíblica

Eu percebi que intérpretes cristãos contemporâneos geralmente concordavam que uma das chaves básicas, se não a chave básica dos escritores do NT, para destrancar o significado do Antigo Testamento era a tipologia. Por exemplo, Leonard Goppelt, teólogo do NT, escreveu que tipologia “é o modo central e distintivo do NT de compreender o Evangelho..., ela é a decisiva interpretação de Jesus, do Evangelho e da Igreja... De acordo com a essência do NT, tipologia é teologicamente essencial para uma compreensão do Evangelho” (TDNT 8:255). Outro teólogo do NT, E. Earle Ellis, declarou: “A interpretação tipológica expressa mais claramente

a atitude básica do Cristianismo primitivo em relação ao AT”. Novamente, um historiador da Igreja, Robert M. Grant escreveu, “A maneira do Novo Testamento interpretar o Antigo, é, geralmente, a tipologia” [para refs. veja Davidson, pp 1-2].

Mais recentemente, estudiosos evangélicos, em particular, continuam enfatizando a importância, se não a centralidade, da abordagem tipológica do Beale, *The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New*,² (1994), apresenta autor após autor enfocando a tipologia bíblica. Um artigo muito útil apareceu em JETS, em 1997, no qual W. Edward Glenny sumariza a presente discussão evangélica sobre a tipologia.³

Vários estudiosos evangélicos têm apelado a uma mais cuidadosa atenção à natureza da tipologia bíblica como central para a tarefa da hermenêutica atual. Por exemplo, Mark W. Karlberg sugere que a “resolução das prolongadas diferenças de interpretação entre os evangélicos depende, em grande medida, de uma identificação da natureza e função da tipologia do Antigo Testamento.⁴ D. A. Carson (em uma das sessões plenárias do encontro debate acerca da intenção do autor do significado pleno de uma texto, deveria ser um acordo sobre o que é tipologia.⁵ Estas chamadas para o estudo adicional em tipologia apontam a situação documentada por Glenny, de que os estudiosos evangélicos discordam amplamente na natureza, função e propósito d abordagem tipológica.

² Beale, Gregory K., ed. *The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New* (Grand Rapids: Baker, 1994).

³ Edward Glenny, “Tipologia: A Summary of the Present Evangelical Discussion,” JETS 40/4 (Dec 1997): 627-638. Cf. Friedbert Ninow, *Indicators of Typologia within the Old Testament: the Êxus MATif* (Frankfort am Main; New York: P. Lang, 2001

⁴ Mark W. Karlberg, “Legitimate Discontinuities Between the Testaments,” JETS 28 (1985):19.

⁵ D. A. Carson, “Two Turning Points in Contemporary Hermenêutico Debate,” Paper presented at the 1994 National ETS Meeting.

No movimento de Teologia Bíblica dos anos 1950 e 1960 houve um reavivamento do interesse em tipologia, mesmo entre os estudiosos crítico-liberais, que quase a tinham rejeitado justamente umas poucas décadas atrás. Contudo, em um escrutínio mais rigoroso, o que estes estudiosos críticos estavam chamando de “tipologia” bíblica era bem diferente da compreensão tradicional de tipologia da igreja Cristã. (Consulte o Quadro 1 do Apêndice, onde são mostradas as áreas principais de diferenças entre as visões tradicional e a pós-crítica, que já foram, até certo ponto, aceitas por muitos escritores evangélicos).

Ao começar meu trabalho da dissertação, lutei para me decidir acerca da natureza da tipologia. Quem estava certo em suas definições? Tanto a visão tradicional quanto a pós-crítica reivindicaram representar a verdadeira “tipologia” bíblica. Por meses, lutei para achar dentro da Escritura uma chave que resolveria este enigma. Eu li tudo que poderia achar sobre o assunto, mas basicamente, as várias discussões assumiram suas definições da natureza da tipologia, sem deixar seus elementos constituintes emergirem da Escritura.

Afinal, através de muita oração e angústia, a luz começou a brilhar através do labirinto hermenêutico. Eu vi que o palavra *typos* ou “*tipo*” era a chave! Esta palavra é encontrada tanto no grego quanto em inglês [e também em português], e diversas vezes é usada na Escritura em um sentido técnico para descrever a interpretação do Antigo Testamento pelos escritores do Novo. Aqui está um controle terminológico. Onde o escritor bíblico emprega a palavra “*tipo*” (*typos*) ou “*antítipo*” ou “*tipológico*” (*typikos*) para descrever o que ele está interpretando, há, sem dúvida, tipologia. Através de uma cuidadosa análise destas passagens, os elementos básicos da tipologia deveriam emergir de dentro da Escritura, sem impor uma definição de fora.

Há seis passagens no Novo Testamento que são claramente tipológicas porque nelas se usa a palavra “tipo” (*typos*, no grego) ou “antítipo” (*antitypos*, no grego) como um termo técnico para descrever a interpretação que o autor faz do Antigo Testamento: Rm 5:14; 1 Co 10:6; 1 Pe 3:21; Heb 8:5; e Heb 9:24. Com base num estudo detalhado destes versos em seus contextos mais amplos, eu vi emergir um quadro consistente da tipologia. A descrição bíblica de tipologia é, basicamente, a da compreensão tradicional, e não a da visão pós-crítica, mas com algumas novas ênfases que eu não tinha esperado. Nós podemos resumir os cinco elementos conceituais da tipologia que emergiu do estudo. (Veja Quadro 2 no Apêndice)

1. O elemento histórico da tipologia bíblica dá ênfase ao fato de que a tipologia está arraigada na história. Isto está em contraposição com a alegoria, a qual não está, nem em primeira nem em última instância, preocupada com o sentido histórico literal, mas com o núcleo figurativo ou espiritual escondido sob a casca histórica. O elemento histórico envolve três aspectos cruciais. Primeiro, os tipos do AT e os antítipos do NT são realidades históricas e podem consistir de pessoas (por exemplo, Adão, em Romanos 5), eventos (por exemplo, o Êxodo, em 1 Coríntios 10; o Dilúvio, em 1 Pedro 3), ou instituições (por exemplo, o Santuário, em Hebreus 8 e 9). A historicidade do tipo e antítipo é assumida e considerada essencial pelos escritores bíblicos. Tão crucial é a questão da historicidade que os argumentos tipológicos de Romanos 5, 1 Coríntios 10 e 1 Pedro 3 se desmoronariam, se a realidade histórica de Adão, do Êxodo, ou do Dilúvio não fosse aceita. Igualmente, a preocupação do autor de Hebreus, ao longo da Epístola, é, [nas palavras do comentarista William Johnson], “alicerçar a confiança dos cristãos em *fatos objetivos...*, *divindade real*, *humanidade real*, *sacerdócio real* – e nós podemos adicionar: um *ministério real*, em um *Santuário real*”.⁶

Como um segundo aspecto do elemento histórico, os autores do Novo Testamento mostram a correspondência histórica entre o tipo e o antítipo. Assim, Adão é um tipo de Cristo (Romanos 5); os eventos do Êxodo aconteceram como tipos que correspondem à experiência do cristão (1 Coríntios 10); o Dilúvio corresponde a seu

⁶ William G. Johnson, *In Absolute Confidence: The Book of Hebrews Speaks to Our Day* (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1979), 91. (Italics his.)

antítipo – o batismo cristão (1 Pedro 3); e o Santuário do antigo concerto, com seus sacrifícios e sacerdócio, é uma cópia e sombra das realidades do novo concerto (Hebreus 8 e 9). O conteúdo da correspondência se estende até mesmo a detalhes conectados com o tipo, mas tais detalhes são sempre símbolos da salvação no Antigo Testamento (por exemplo, Heb 8:5; 9:24; 13:11-13).

Como um terceiro aspecto do elemento histórico, o tipo e o antítipo nunca estão no mesmo plano. O antítipo do Novo Testamento invariavelmente envolve um redução absoluta, ou uma intensificação do tipo do Antigo Testamento. Por exemplo, a comida e bebida de Israel no deserto são intensificadas para se tornarem a antitípica e cristã Ceia do Senhor (1 Coríntios 10). Em Hebreus, os inadequados e temporários sacrifícios do Antigo Testamento são reduzidos a um único e todo-suficiente sacrifício, e no superior e permanente sacerdócio de Cristo.

No anúncio de Jesus, em Mt 12, no qual Ele é o profeta antitípico, sacerdote e rei, Ele diz: “Um maior que Jonas está aqui (vs. 41). Um maior que o Templo está aqui (vs. 6), Um maior que Salomão está aqui (vs. 42)”. Isto está em contraposição à paranesis, que está dando aviso ou advertência, usando algum exemplo como um modelo, mas sem correspondência mais alta. Assim, Pedro emprega a paranesis quando exorta as mulheres para serem mulheres cristãs, no uso hermenêutico e técnico da palavra “tipo”.

2. O elemento escatológico da tipologia clarifica a natureza da correspondência histórica e intensificação descrita acima. As pessoas, eventos e instituições do Antigo Testamento assumem um aspecto escatológico nos seus cumprimentos do Novo. Em 1 Coríntios 10, as experiências de Israel no deserto são tipos (typoi) para “aqueles sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (vs. 11, RSV). Em Romanos 5, Adão é um tipo (typos) do “que estava para vir” (vs. 14, RSV) – o segundo Adão, cuja vinda provocou a nova era escatológica. Em 1 Pedro 3, a salvação de Noé e de sua família no Dilúvio, acha seu antítipo (antitypon) na salvação sacramental do escatológico “agora” (vs. 21). E em Hebreus 8 e 9, os sacrifícios do Antigo Testamento estão ligados com o único e todo-suficiente sacrifício “ao se cumprirem os tempos” (cap. 9:26, RSV).

Três possíveis aspectos do cumprimento escatológico podem ser considerados: (1) o “inaugurado” – conectado com o primeiro Advento de Cristo (como Adão é um tipo de Cristo, Rm 5); (2) o

“apropriado” – focalizando-se no tempo da Igreja, que vive na tensão entre o “já” e o “ainda não” (como em 1 Co 10, onde as experiências do Êxodo são “tipos” (typoi) da igreja Cristã; ou (3) o “consumado” – conectado ao Dia Apocalíptico do Senhor, à Segunda Vinda de Cristo e além (como o Dilúvio de Noé é um tipo da destruição do mundo, em 2 Pe 3:6-7).

3. O elemento Cristológico-soteriológico aponta para o foco e verdade essenciais da tipologia. Os tipos do AT não são realidades meramente “nuas”, obra de Cristo ou nas realidades do Evangelho, provocadas por Cristo. Às vezes, isto pode estar na forma de uma correspondência entre uma realidade do Antigo Testamento e a pessoa de Cristo, como em Romanos 5 (Adão -> Cristo), e em Hebreus 8 e 9 (sacerdócio e sacrifícios -> Cristo como sumo sacerdote e seu sacrifício). Em outros momentos, podem estar no contexto maior do novo concerto, efetuado por Cristo, como os sacramentos e a experiência dos crentes, em 1 Coríntios 10 e 1 Pedro 3, e o Santuário celeste de Hebreus 8 e 9. Cristo e sua obra de salvação são, assim, o último ponto de orientação dos tipos do AT e o cumprimento deles no NT.

4. O elemento eclesiológico da tipologia bíblica inclui três possíveis aspectos relacionados com os recipientes da obra e salvação de Cristo: a) o adorador individual, (b) a comunidade incorporada do concerto, e (c) os sacramentos da igreja. Em 1 Coríntios 10, todos estes aspectos estão presentes. As experiências do antigo Israel no deserto aconteceram tipologicamente (typikos), como tipos (typoi) do Israel escatológico, da igreja Cristã (vss. 6, 11) e dos sacramentos envolvidos (vss. 2-4) e de uma decisão pessoal de ser fiel ou desobediente (vss. 5-10). Os sacramentos são mencionados brevemente em Hebreus (cap. 6:2-4), porque a ênfase está no adorador individual (caps. 9:9, 14; 10:2, 14, 22) e na comunidade escatológica (caps. 10:8-13, 21; 12:22-24).

5. O elemento profético na tipologia bíblica também inclui três aspectos:

a) Os tipos do Antigo Testamento pontam adiante: eles são apresentações de antemão, ou prefigurações das realidades do Novo Testamento correspondentes. Assim, em 1 Coríntios 10 é mostrada a experiência do antigo Israel no deserto, para ser uma prefiguração da experiência da igreja Cristã (vss. 6,11). Igualmente, em Hebreus 8 e 9, o Santuário Terrestre do Antigo Testamento é retratado

como “uma cópia e sombra do Santuário celeste” (cap. 8:5, RSV), “uma sombra das coisas boas vindouras” (cap. 10:1, RSV).

Este aspecto da tipologia está em contraste com o simbolismo que, por si só, é uma representação eterna da verdade. Podem ser empregados símbolos como construindo blocos de tipologia, isto é, como símbolos tipológicos. Como por exemplo, um “cordeiro”, que na Escritura simboliza inocência, etc., mas, como parte do sistema sacrificial, aponta para o Cordeiro Messiânico de Deus.

b. Na relação tipológica há um desígnio divino no qual as realidades do Antigo Testamento são direcionados por Deus, até mesmo em detalhes específicos, para prefigurar as realidades do Novo Testamento, como Paulo afirma em 1 Cor 10:11 – “Agora todas estas coisas [eventos do Êxodo] aconteceram como exemplos – *typikos* – [e não só foram aplicados tipologicamente]”.

Paulo não está dizendo que os eventos podem ser agora vistos como *typikos* – como se eles se tornassem *typoi* como resultado de alguma ocorrência ou fator mais recentes. Ao invés disto, Paulo insiste que estes mesmos eventos foram acontecimentos *typikos*. A qualidade *typoi* dos eventos era inerente na ocorrência deles, e não inventada pelo historiógrafo do Pentateuco ou artificialmente atribuído a eles significado “tipológico” por Paulo, o exegeta. O intento divino dos eventos claramente inclui a natureza *typos* do evento. Um desígnio providencial estava em operação, causando os eventos para acontecerem *typikos*. Os eventos do Antigo Testamento, enumerados por Paulo, não são apresentados agora como *typoi*, por causa da continuidade das ações e propósitos de Deus em todos os tempos, tão verdadeiro e fundamental quanto isto seja. Também está envolvido o Senhorio de Yahweh, moldando os detalhes sem igual da história (Davison, 268).

Este desígnio divino está implícito em todas as passagens de *typos* hermenêuticos, sendo especialmente claro com respeito a tipologia vertical (Santuário) como descrita em Hebreus (por exemplo, caps. 8:5, 6; 10:1).

O elemento do desígnio divino da tipologia está em contraste com a analogia humana natural que alguns têm (eu acredito erradamente, ou negligentemente) chamado de tipologia. Uma analogia é somente um uso especial de um comum e não sobrenatural modo de pensamento, parte do esforço universal do homem para

entender fenômenos ao redor de si, com base em semelhanças estruturais ou analogias. Com a compreensão racionalista dos tipos como meras analogias. Gerhard von Rad poderia afirmar que o número de tipos no AT é ilimitado. Porém, a Escritura mantém uma diferença entre analogia (um exercício meramente humano, descobrindo correspondências naturais) e um tipo (uma prefiguração divinamente ordenada).

c. As prefigurações envolvem uma qualidade “assim deve ser” – que lhes dá a força de anúncios preditivos com seus cumprimentos no Novo Testamento. Isto é mais claramente ilustrado em Hebreus 8 e 9. Da mesma maneira que o sumo sacerdote terrestre oferecida ofertas e sacrifícios, assim “é necessário” [*anagke*] para este sumo sacerdote [Cristo] ter também algo que oferecer” (cap. 8:3, RSV). Novamente, como o Santuário terrestre era purificado, assim “deve acontecer” com a contraparte divina (cap. 9:23). Cristo reconheceu este componente “assim deve ser” da tipologia, como ele freqüentemente declarou que “é necessário [*dei*] para o Cristo. . .”

Resumindo a natureza da tipologia bíblica, nós podemos delinear isto deste modo: tipologia como um empreendimento hermenêutico do NT é o estudo das realidades históricas da salvação no AT ou dos “tipos” (pessoas, eventos, instituições), as quais Deus especificamente designou para corresponder preditivamente aos aspectos de seus cumprimentos antitípicos intensificados (inaugurado, apropriado e consumado) na história da salvação no NT.

A natureza da tipologia bíblica fica, talvez, mais clara e mais bonita quando olhamos mais de perto a palavra “tipo” (*typos*), escolhida pelos escritores bíblicos. A palavra grega *typos*, em seu significado etimológico básico, se refere a uma “forma”, provavelmente, a princípio, a uma “forma oca” ou “molde”. As características do *typos*, em sua denotação original (e continuada) de “molde oco”, são notavelmente adaptadas para abarcar e ilustrar a dinâmica da tipologia bíblica.

Por exemplo, nossa família tem um delicado molde de plástico para a produção de esculturas moldadas de pinguins de gelo. Quando nós desejamos adicionar um toque festivo ao nosso ponche, num encontro social, nós enchamos o buraco do molde de pingüim com a água destilada, o colocamos no congelador durante a noite. Depois disto, removemos o molde de plástico, e aí está uma cintilante escultura de pingüim de gelo, para ser colocada dentro da tigela de ponche. Agora note como as cinco características essenciais do nosso molde oco (um *typos*) ilustra os aspectos

básicos da tipologia bíblica:

Primeiro, um *typos* de pingüim, ou o molde oco, é uma realidade concreta, não mais uma idéia abstrata. Igualmente, um tipo bíblico é uma realidade histórica concreta – uma pessoa, evento, ou instituição.

Em segundo lugar, o molde não é, em si mesmo, o original, mas foi moldado de um protótipo que existiu previamente, ou concretamente ou na mente do projetista. Assim o tipo bíblico foi “moldado” de acordo com um modelo divino prévio – existindo concretamente, como o Santuário Celeste original, ou na mente do Projetista. Assim também acontece com os tipos históricos do Antigo Testamento.

Em terceiro lugar, meu pingüim de plástico oco funciona como um molde para moldar o produto final, quer dizer, a escultura de gelo. Assim, na tipologia bíblica, o tipo do Antigo Testamento serve para “moldar” o produto escatológico final (o *antitypos* do Novo Testamento ou “antítipo”).

Em quarto lugar, o produto final (a escultura de gelo) invariavelmente se ajusta aos contornos básicos do molde oco de pingüim. Igualmente, na tipologia bíblica, o cumprimento escatológico, o antítipo, se ajusta aos contornos básicos do tipo do Antigo Testamento.

Finalmente, o produto final (a escultura de gelo) transcende o molde e cumpre o propósito para o qual o molde foi projetado. Da mesma maneira, o antítipo do Novo Testamento transcende o tipo do Antigo Testamento, cumprindo, assim, o propósito último para qual o tipo foi idealizado.

Controles Hermenêuticos

Desde a publicação de minha dissertação, eu tenho explorado, à luz dos dados bíblicos, as implicações hermenêuticas destes elementos característicos da tipologia, em uma tentativa de me ater aos possíveis controles textuais internos para a identificação e interpretação do *typo* bíblico. Minha compreensão atual é que cada uma das características da tipologia bíblicas aponta para um crucial controle hermenêutico dentro da Escritura. Em seguida, eu apresento um esboço de possíveis conclusões, relativas às implicações hermenêuticas de cada um, e talvez da mais controversa destas características – a característica profética da tipologia.

Identificando os Tipos: O Controle Profético

Muitos estudos sobre tipologia bíblica começam com o testemunho do NT, assumindo que ele (NT) é a norma final para indicar quais pessoas, eventos ou instituições são tipológicos. Esta era a abordagem do Bispo Herbert Marsh (1757 – 1839) e do Marshian School of Typology no começo do século dezenove. Era argumentado que os únicos tipos legítimos são aqueles identificados como tais no Novo Testamento (Para discussão, veja Davison, 36-37).

Mas o elemento profético da tipologia bíblica nos aponta para um quadro mais amplo. Como já vimos acima, esta característica profética da tipologia que tem constantemente emergido da exegese de passagens tipológicas do Novo Testamento (typos hermenêuticos) sublinha o indispensável propósito prospectivo-preditivo divino da natureza da tipologia bíblica. Os tipos apontam preditivamente/profeticamente adiante, para seus antítipos. Um dos resultados pessoais mais recompensadores de meu estudo da tipologia bíblica tem sido a compreensão de que nem Jesus, nem os escritores do NT veem um significado tipológico no AT de maneira arbitrária, como frequentemente tem sido dito. Se elas tivessem feito isso, em minha visão, tipologia seria uma “eisegesis” ilegítima, lendo na Escritura o que lá não está. Mas os escritores do NT insistem no fato de que certas pessoas, eventos e instituições foram divinamente designados, desde o início, para servirem como prefigurações profético-preditivas.

Em um resumo da discussão evangélica atual em tipologia, que apareceu em JETS, em 1997. W. Edward Glenny me creditou generosamente como provendo uma “inovadora” visão da tipologia, por enfatizar o elemento preditivo/profético. Ainda que lisonjeado por esse tipo de atribuição de Glenny, em minha abordagem da tipologia, pessoalmente faço uma reivindicação bem mais modesta, dizendo que meu estudo exegético somente tem confirmado e esboçado as consequências lógicas do entendimento clássico ou tradicional do assunto, como já tem sido exposto nos séculos passados por Patrick Fairbairn, Louis Berkhof, William / Moorehead, Geerhardus Vos, Leonhard Goppelt, e outros que viram a tipologia como uma espécie de profecia e essencialmente preditiva.⁷

⁷ See Patrick Fairbairn, *The Typology of Scripture*, XXX; Louis Berkhof, *Principles of Biblical Interpretation: Sacred Hermeneutics* (Grand Rapids: Baker, 1950), 145.

Minha compreensão da tipologia como profético-preditiva também não é única dentro da mais recente e atual discussão evangélica. Por exemplo, Walter Kaiser, no seu livro *The Uses of the Old Testament in the New* (1985) argumenta que “tipos não podem ser lidos ‘para dentro’ ou ‘para trás’, no AT, à partir do NT, em algum tipo de eisegesis canonizada... A ligação ou homologia já começou no texto [do AT], e naquele sentido pertence à tradição textual e não à habilidade do intérprete ou a poderes imaginativos... Finalmente, tipos contêm uma característica prenunciadora “de nós” na Era Cristã. Eles não só são escritos “para nós”, como advertências e guias instrutivos, mas eles são “tipos de nós”, e, nesse, sentido, são preditivos”.

Novamente, O. K. Beale argumenta que o termo “cumprimento profético” não deveria se limitar somente às profecias verbais do Antigo Testamento, mas ser alargado para incluir a tipologia. Ele escreve:

Tipologia, portanto, indica o cumprimento da sombra profética indireta dos eventos, pessoas e instituições do Antigo Testamento em Cristo... É também estreita hermenêutica a que conclui que os escritores do Novo Testamento estão descontextualizados quando eles entendem passagens históricas ou dtxlaradamente de gênero não profético como tipologicamente proféticas... Se tipologia é classificada como parcialmente profética, então ela pode ser vista como um método de exegético, visto que que a corres-pondência do Novo Testamento deveria extrair retroativamente o signifi-cado profético mais amplo do tipo do Antigo Testamento que foi incluído originalmente pelo autor divino.⁸

Se realmente os tipos bíblicos são divinamente idealizados para servirem como prefigurações prospectivas/preditivas, então, neste trabalho, estou somente sugerindo a consequência lógica desta posição: que alguma indicação da existência e qualidade preditiva dos vários tipos do AT já deveriam ocorrer no próprio AT, antes de seu cumprimento antitípico no NT. Caso contrário, não seria nenhum elemento preditivo. Assim, alguns indicadores textuais inerentes que

⁸ G.K. Beale. “Positive answer to the Question ‘Did Jesus and His Followers Preach the Right Doctrine from the Wrong Texts? An Examination of the Pre-suppositions of Jesus’ and the Apostles’ Exegetical Method. in *The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New*. ed. G K. Beale (Grand Rapids: Baker. 1994), 396. 401.

identificam os tipos do AT já deveriam nele aparecer.

Na reunião da Região do Centro Oeste da ETS, aqui em Northwestern em 1999, eu fiquei encantado ao ouvir nosso atual presidente do Centro Oeste, Ardel Caneday, discorrer muito mais eloqüentemente que eu, nesta mesma implicação lógica em sua resposta ao trabalho de Herman Bateman: “Psalm 45:6-7 and Hebrews 1:5-13: An Exercise in Hermeneutics and Biblical Theology. Dr. Caneday insistiu que “deve haver uma autorização no próprio salmo para ler isto como ele [o autor de Hebreus] faz, ou seja, messianicamente. Se não, como pôde o autor ter persuadido seus primeiros leitores de que o Messias prometido e Filho de Davi é verdadeiramente Jesus? Sem uma autorização do próprio salmo, o autor de Hebreus dificilmente poderia esperar nos convencer de que sua leitura está correta. Isto, me parece, deixaria o autor da Epístola aos Hebreus numa incerteza fideística.

Dr. Caneday seguiu descrevendo sua visão de tipologia, a qual coincide com o que eu tenho discutido. Ele declarou:

(Bateman) afirma que Hebreus 1:5-13 faz aplicação tipológico-profética do Salmo 45:6-7. Eu entendo que a tipologia funciona de maneira diferente. Primeiro, o termo ‘aplicação parece muito fraco. Não parece que Hebreus está meramente “aplicando” o Salmo 45:6-7 a um contexto novo. Parece evidente que Hebreus está “interpretando” o Salmo para se referir a Cristo como o Filho de Deus. Segundo, a mim me parece, que a designação “tipológico” deve ser um termo que corretamente se aplica ao primitivo texto do Salmo 45, especialmente se o adjetivo “profético” é unido a ele. Em outras palavras, o texto que tem “significado tipológico” é o texto primitivo, que o significado “tipológico” deve ser reconhecível naquele texto, sem impor a idéia do texto mais recente no texto mais antigo. Isto significa que o Salmo 45:6-7 tem que ter uma autorização dentro dele mesmo que indique que ele possa ter uma função tipológico-profética. A função tipológico-profética do Salmo 45:6-7 tem que derivar do próprio Salmo e não de Hebreus 1:5-13. Além disso, parece que o significado tipológico de um salmo tem uma função profética e preditiva. Deveria ser evidente que Hebreus lê o Salmo 45 como tendo uma qualidade preditiva, agora cumprida no Filho que é o porta-voz de Deus para os últimos dias”.

O aspecto preditivo/profético da tipologia, enfatizado por Caneday, já era reconhecido em excelentes trabalhos sobre tipologia

no século dezenove e meados do século vinte, e têm recebido significativa atenção em recentes discussões, como nós notamos acima (Cf. Kaiser, *The Uses of the OT in the New; Right Doctrine from the Wrong Texts*). Mas a consequência natural e lógica de ver a tipologia como profético/preditiva, como mostrado por Caneday e discutida neste trabalho, não tem sido reconhecida e explorada amplamente, ou seja, que os tipos do AT referidos pelos escritores do NT, logicamente já deveriam ter sido identificados como tipológicos antes do cumprimento antitípico, dentro do próprio contexto do AT.

Tenho encontrado crescente evidência de que esta conclusão lógica é de fato a que nós encontramos na tipologia bíblica. Parece-me que nas Escrituras do AT Deus mostrou antes do tempo do cumprimento que pessoas, eventos ou instituições são tipológicas, e Jesus e os escritores do NT simplesmente anunciam o que já foi indicado com antecedência. Creio que este insight constitui o “elo perdido” em muitas discussões sobre tipologia bíblica e que há um controle Veterotestamentário que identifica os tipos, transformando a tipologia bíblica de “inspiradas eisegesis” — que deixaria os autores bíblicos numa “incerteza fideística” (para usar o termo de Caneday), em exegese sólida dos textos do AT.

Eu sugiro que o silencioso e prefigurativo tipo do AT (pessoa, evento, instituição) está acompanhado (em seu contexto imediato e/ou em um pré-cumprimento profético posterior) por um indicador interno — uma garantia — como Caneday a chamou — mostrando sua natureza tipológica. Tenho encontrado que, pelo menos com respeito às pessoas, eventos e instituições do AT explicitamente rotulados como *typoi* pelo NT, e em todos os outros exemplos que eu examinei, que o indicador verbal é encontrado tanto no contexto imediato do tipo histórico quanto em um cumprimento posterior da profecia.

Tal padrão é mostrado, por exemplo, por Pedro e Paulo em seus sermões, registrados no livro de Atos, que lidam com Davi em relação à ressurreição de Jesus - ambos os apóstolos encontram evidência dentro das passagens do AT, apontando para o tipo Davídico do NT, ao Messias, e posterior evidência profética confirma aquela interpretação (veja Atos 2:25-31, 13:31-37: citando SI 16:8-11. SI 132:11,2 Sam 7:12-14, e Is 55:3). (O exame destas passagens é um tópico para outro estudo)

O Quadro 3 (ver Apêndice) ilustra este padrão, e resume o material apresentado no restante deste estudo. A coluna do meio mostra os indicadores verbais do AT para a tipologia. Neste presente estudo, nós lidaremos principalmente com os primeiros quatro artigos que

correspondem às quatro pessoas tipológicas, eventos e instituições que emergem da hermenêutica de textos Neotestamentários, isto é, Adão, o Dilúvio, o Êxodo e o Santuário. Nós mencionaremos outros exemplos na lista se o tempo o permitir.

Tipologia Adâmica

Já nos capítulos de abertura da Bíblia nós temos uma implicação da tipologia Adâmica. Quem ler Gn 1-3 no hebraico, se depara com um contínuo jogo de palavras que envolve a palavra ‘adam (ou acompanhada de artigo - ha ‘adam). Em Gn 1:26-27 a palavra (uma vez com o artigo e uma vez sem) significa “gênero humano” Em CM 2:18-23 ha’adam (com artigo) indica uma pessoa individual - o “homem”. Nos versos seguintes de Gn 2 e abrindo os versos de Gn 3 não está claro se se deve traduzir o termo (com o artigo) como “homem” ou “Adão” (veja a diferença de tradução nas diferentes versões bíblicas modernas), mas em Gn 3:17 (sem o artigo) o vocábulo claramente constitui o nome próprio, Adão. Em Gn 5:1-2, a recapitulação da criação humana no começo da segunda seção principal do livro, o mesmo termo ‘adam (sem o artigo) denota ambos: o nome “Adão” (v.la) e o nome do “gênero humano”, incluindo macho e fêmea, (vs. 1b,2). Significativamente, ao longo do resto da Escritura, ninguém mais é nomeado “Adão”.

Pelo uso do termo ‘adam nos capítulos de abertura do Gênesis, parece que este Adão é apresentado como o cabeça representativo do gênero humano”.⁹ Adão recebe o nome que também é o nome do gênero humano. Somente a Adão, na história da salvação do AT, é dado este nome. Adão - a pessoa - está em solidariedade corporativa com o ‘adam que é a humanidade como um todo.

Esta solidariedade indicada pela fluidez de singular-coletivo do termo ‘adam também parece sublinhada por seu encadeamento etimológico explícito com “solo-”. Em Gn 2:5,7 o termo ha’adam (uma vez com e uma vez sem o artigo) denota o ser humano que não é, em princípio, ainda apresentado para ser, então, formado do

⁹ Wellen White supports this interpretation of Adam’s position with regard to humanity. She writes. “Under God. Adam was to stand at the head of the human family...” (CT 33). “The Sabbath was committed to Adam, the father and representative of the whole human family.” (PP 48). To my knowledge, a careful study of Ellen White’s usage of the idea of corporative solidarity has not yet been undertaken.

“solo” (*há’adamah*). O encadeamento entre “humano”— *há’adam* e “solo” – *há’hadamah* destaca solidariedade corporativa, porque em Gn 2:6-7 “solo” se refere não só ao pó do qual Adão foi feito (vs. 7), mas também para a face inteira do solo terrestre (vs. 6; cf. Gn 7:23).)

Parece que a apresentação de Paulo de Adão como homem representante numa solidariedade corporativa com o gênero humano (Rm 5 e 1 Cor 15)¹⁰, não só é um conceito do NT, mas já está presente no AT, em última instância, deriva das páginas de abertura da Escritura.

A semente “corporativa” e a semente “representativa” da mulher em Gn 3:15.

Se Gn 1-3, em geral, nos apresenta Adão como o homem representativo em solidariedade corporativa com o gênero humano, Gn 3:15 apresenta, em particular, Aquele que deveria vir como a “Semente” representativa da mulher, e que estaria em solidariedade incorporada com a semente incorporada da mulher. Eu não discutirei aqui, em detalhes, a interpretação Messiânica de Gn 3:15, pois isto já foi feito em outro lugar.¹¹ Mas é importante notar o movimento literário de paralelismo progressivo no vs. 15. Isto pode ser esquematizado como segue:

v. 15a serpente “tu”	Singular	mulher
v. 15b semente da serpente	Coletivo (Plural)	Semente da mulher
v. 15c serpente “tu” / “tua cabeça	Singular	“Ele” / “Seu calcanhar”

¹⁰ The concept of corporate solidarity in these Pauline passages is widely recognized. For a succinct and insightful summary of Paul’s usage, see e.g., C.H. Dodd, *The epistle of Paul to the Romans* (London: Hodder and Stoughton, 1954), 78-83; and Herman Ridderbos, *Paul: An outline of his Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975), 57-64.

¹¹ See especially Afolarin Ojewole, “The Seed in Gen 3:15,” doctoral dissertation, 2001; and O. Palmer Robertson, *Christ of the Covenants* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1980), 93-103.

Tem sido geralmente reconhecido que a semente da serpente e a semente da mulher, mencionadas no vs. 15b, denotam um coletivo singular representando uma ideia plural. Enfatizada esta inimizade entre os descendentes espirituais de Eva e os descendentes espirituais da serpente ao longo dos primeiros capítulos de Genesis - os descendentes de Caim e os descendentes de Seth, entre os que deixam a presença do Senhor e os que invocam o Senhor (Gn 4:16.26), apresentados em duas listas genealógicas (Gn 4 e 5), e finalmente nos “filhos de Deus” e nas “filhas de homens” (Gn 6:1-3).

Mas o que é crucial notar em Gn 3:15 é o movimento da semente coletiva da serpente no vs. 15b, para o singular “tu” (a serpente) no vs. 15c. Como O. Palmer Robertson observa, “para corresponder ao estreitamento da ‘semente’ para Satanás, no lado da inimizade, seria bastante apropriado esperar um estreitamento semelhante de uma “semente” múltipla da mulher para um singular Ele, que deveria ser o campeão da luta de Deus contra Satanás”.¹²

Os tradutores da LXX, ao traduzirem Gn 3:15, reconheceram este estreitamento da “semente” coletiva para “semente” individual Messiânica. Em todo o livro de Genesis, so aqui eles quebram a regra fundamental da gramática grega relativa a concordância entre o pronome e seu antecedente. Considerando que a semente “sperma” é neutra em grego, o pronome que segue deveria ser neutro, mas os tradutores traduziram como *autos*, um masculino singular “Ele”. Aparentemente eles compreenderam a implicação Messianica da progressão literária do paralelismo hebraico.

Gn 3:15 prediz que um dia a “Semente” individual em solidariedade com a semente corporativa de Eva esmagaria pessoalmente a cabeça da Serpente. Como representante do todo corporativo, Ele traria uma solução para o conflito moral entre as sementes da mulher e da serpente. Gn 3:15, frequentemente chamado de Protoevangelho ou “Primeira Promessa Evangélica”, também implica os meios pelos quais esta vitória sobre a serpente aconteceria. O quadro é de um indivíduo masculino, com o pé nu, pisando voluntariamente a cabeça de uma serpente venenosa. É uma demonstração do sacrifício voluntário e vicário (substitutivo) de alguém em favor de muitos, para a destruição da serpente. Esta demonstração de sacrifício expiatório (substitutivo) é fortalecida e mais adiante iluminada em Gn 3:21, quando Deus faz túnicas de

¹² Ibid.,99.

peles para vestir Adão e Eva. Vê-se que a nudez deles era mais que nudez física - embora eles estivessem usando folhas de figueira, eles ainda disseram a Deus que estavam “nus” (vs. 10). Era uma nudez espiritual de alma, culpabilidade – assim, a roupa era uma cobertura tanto física quanto espiritual. A menção específica de peles implica o sacrifício de animais inocentes, especialmente no contexto de um sistema de sacrifícios queimados, mencionado justamente uns poucos versos adiante, no próximo capítulo (Gn 4:3-5).

Assim o reconhecimento de Paulo do Messias como a nova Cabeça representativa da semente da mulher - o Segundo Adão, não é somente um conceito do NT, mas está no final das contas, alicerçado em Gn 3:15. Assim, este Protoevangelho de Gn 3:15 (e em conexão com Gn 1-2) pode ser visto como o texto fundamental que apresenta a tipologia Adâmica.

Mas este Adão tipológico é exposto ainda mais explicitamente nos materiais canônicos mais recentes do AT. No Salmo 8, o inspirado salmista, sem dúvida, se refere historicamente a Adão quando escreve (vss. 4-8): “O que é o homem para que dele te lembres, e o filho do homem (ben’adam) para que o visites? Porque tu o fizeste um pouco menor que os anjos, e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste para ter domínio sobre as obras de tuas mãos. Tu puseste todas as coisas sob seus pés: ovelhas e bois, as bestas feras do campo, os pássaros do ar, e o peixe do mar que atravessa as sendas dos mares”. Esta é, claramente, uma alusão a dádiva divina do domínio a Adão em Gn 1:28.

Deve-se perceber que a expressão usada para Adão, neste salmo, “filho do homem”, é especialmente empregada por Daniel como um título para o Futuro Messias, o Filho do Homem, que receberá o domínio escatológico sobre o reino deste mundo (Dan 7:13-14: “E eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias... Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino... e o seu reino jamais será destruído”). Este título é, por sua vez, retomado no NT por Jesus, como seu título messiânico por excelência. (Veja Mt 24:30; 26:64; Mc 13:26; 14:62; Lc 21:27; e numerosas outras passagens do NT). Hebreus posteriormente aponta para o reconhecimento do NT do Adão tipológico, presente no Salmo 8. Heb 2:6-8 cita o Salmo 8:4-6, apontando para o seu referente antitípico - o Messias: “Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do

seu domínio. Agora, porém, ainda não vemos todas as cousas a ele sujeitas; vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem” (vss.8-9).

O Jesus e os escritores do NT não leram arbitrariamente para trás, para o Adão tipológico do AT, mas, levando-se em conta o que nós vimos há pouco, simplesmente reconheceram e anunciaram o que já estava explícito o que já estava explícito no AT, tanto no contexto original da narrativa da criação, quanto nos pré-cumprimentos de passagens do AT. Com base nestes indicadores verbais já explicitados no AT, Paulo pode confiantemente falar, em Rm 5, de Adão como *typos* de Cristo, e nesta passagem, como também em 1 Cor 15, apontar as conexões tipológicas entre o primeiro e o último Adão.

Tipologia do Dilúvio

Vamos, agora, à tipologia do Dilúvio. Como era verdade com Adão, já há sugestões verbais na narrativa do Dilúvio de que este evento divino será visto tipologicamente.

Primeiro, revisemos os contornos teológicos principais da narrativa do Dilúvio. Quando Deus disse, “Resolvi dar fim [qêts] a toda carne” (Gn. 6:13), dele introduziu o “escatológico” termo *qêts*, o qual, mais tarde, na Escritura, se tornou um termo técnico para o *eschaton*. O julgamento divino envolveu um período de provação (Gn. 6:3), seguido por uma investigação judicial (Gn. 6:5: “o Senhor viu...”; Gn 6:13: “Eu resolvi...”; Cassuto 1964, 56-57), a sentença (Gn. 6:7) e sua execução (o ato de trazer o Dilúvio, Gn. 7:11-24).

A narrativa do Dilúvio contém a primeira menção no cânon bíblico do motivo e da terminologia do remanescente, Gn. 7:23: “somente Noé e os que estavam com ele na arca permaneceram [*sha'ar*]. O remanescente que sobreviveu à catástrofe cósmica do Dilúvio foi assim constituído por causa de sua correta relação de fé e obediência a Deus, e não por causa do capricho ou do favoritismo dos deuses, como nas histórias extra-bíblicas do Dilúvio no Antigo Oriente Próximo.

Graça Salvífica

A graça de Deus já é revelada do Dilúvio, nos 120 anos de

provação concedidos ao mundo antediluviano (Gn. 6:3) e na orientação divina para a construção da arca para salvar aqueles que fossem fiéis a Ele (Gn. 6:14-21); e novamente depois do Dilúvio, em seu concerto/promessa de nunca mais destruir a terra por um dilúvio, embora a natureza humana permanecesse má (Gn. 8:20-22; 9:8-17).

Mas o coração teológico (e literário, quiástico) do relato do Dilúvio é encontrado na frase: “Deus se lembrou de Noé” (Gn. 8:1; Anderson 1978,38). A teologia da memória da Escritura não implica que Deus tinha literalmente se esquecido. O “lembrar” é agir para libertar (veja Êx 6:5). O posicionamento estrutural para a lembrança de Deus no centro da narrativa, indica que o ápice da narrativa da teologia do Dilúvio não é nenhum julgamento punitivo, mas divina graça salvífica.

Os numerosos paralelos temáticos e verbais entre os relatos da salvação de Noé e da libertação de Israel no Êxodo, revelam o intento do autor de enfatizar a semelhança deles (veja Sailhamer, 1990,89). Várias referências nos Salmos para a graciosa libertação divina dos justos, das “grandes águas” de tribulação, podem conter alusões ao Dilúvio do Gênesis (Sl. 18:16 [verso 17 na Bíblia Hebraica]; 69:2 [verso 3 na Bíblia Hebraica]; 89:9 [verso 10 na Bíblia Hebraica]; 93:3; e 124:4).

A natureza tipológica do relato do Dilúvio já está implícita em seu contexto imediato em Gênesis. Warren Gage, em seu instigante livro *The Gospel in Genesis: Studies in Protology and Eschatology* (1984, 7-16), mostrou como Gênesis 1-7 é apresentado pelo autor como um paradigma para a história do mundo. Na página. 16 ele resume as evidências que encontrou. Gage assinala como a reduplicação dos motivos em Gênesis somente aparece nas primeiras quatro narrativas (criação, homem, pecado, começo do renovado conflito da semente). “A implicação do padrão de apresentação histórica em Gênesis requer a projeção da apostasia geral e julgamento cósmico para a profecia pós-diluviana, para satisfazer o padrão das narrativas paralelas” (pag.14).

À luz de um estudo de John Sailhamer da estrutura escatológica de todo o Pentateuco, a falta de um paralelo com a quinta narrativa da protologia (julgamento universal) fortemente implica que isto será cumprido “nos últimos dias”, no escatológico julgamento cósmico.

Isaías provê um indicador verbal explícito de que o Dilúvio é um tipo de aliança escatológica (Is. 54:9), junto com as prováveis alusões à tipologia do Dilúvio em sua descrição da salvação escatológica de Israel (Is. 28:2: “uma tempestade de impetuosas águas que transbordam”; Is 43:2: “as águas... não te submergirão”; Is 54:8: “num ímpeto de indignação, escondi de ti a minha face...” e Is. 24:18 “as represas do alto se abrem”). Os profetas Naum (1:8) e Daniel (9:26) descrevem o julgamento escatológico em linguagem que provavelmente alude ao Dilúvio de Gênesis.

Os escritores do NT reconhecem a conexão tipológica entre o Dilúvio e escatologia que já havia sido apontada no AT. A Salvação de Noé e família na arca, através das águas do Dilúvio, encontram sua contraparte antitípica no NT, na salvação escatológica relacionada com o batismo de água (1 Pe. 3.18-22, veja Davison 1981, 316-336). O universal julgamento divino do Dilúvio de Gênesis é também reconhecido por Jesus e pelos escritores do NT, como um tipo do julgamento final, universal e escatológico no fim do mundo, e as condições da moralidade pré-diluviana são vistas como sinais para o tempo do fim (Mt. 24:37-39; Lc 17:26-27; 2Pe. 2:5,9;3:5-7).

Como com Adão e a tipologia do Êxodo, a identificação do Dilúvio como um tipo não é lida arbitrariamente atrás no AT pelos escritores do NT, mas já no AT este evento é apresentado como prefigurando seu antítipo escatológico.

Tipologia do Êxodo

Voltemos agora nossa atenção para a tipologia do Êxodo, especialmente destacado por Paulo em 1 Coríntios 10. É este motivo tipológico já indicado no AT? Uma dissertação inteira apareceu recentemente, por Friedbert Ninow, *Indicators of Typology within the Old Testament: the Exodus Motif* (P. Lang, 2001). O estudo de Ninow está construído sobre a acurada análise de John Sailhamer, em seu *The Pentateuch as Narrative*, (pág. 408). Sailhamer examina os quatro oráculos de Balaão, em Núm 22-24, mostrando como os dois primeiros (Números 23) apontam atrás, ao passado de Israel, enquanto os dois últimos (Números 24) focalizam no escatológico rei messiânico futuro. A distinção entre os dois jogos de oráculos já é aparente de suas introduções. Os primeiros dois oráculos são ambos introduzidos por uma simples declaração: “Então Balaão proferiu o seu oráculo” (Núm 23:7, 18); mas os últimos dois são ambos

apresentados com uma referência elaborada adicional ao caráter visionário deles: “Então ele proferiu o seu oráculo: “oráculo de Balaão, filho de Beor, oráculo daquele cujos olhos vêem claramente, oráculo daquele que ouve as palavras de Deus, que vê uma visão do Todo-Poderoso, que cai prostrado e cujos olhos são abertos” (Núm 24:3, 15). Balaão sabe a história do passado, mas agora tem uma visão do futuro.

Sailhamer aponta muitos paralelos entre os dois jogos de oráculos, porém as porções paralelas mais notáveis têm a ver com o grande evento salvífico do Êxodo. Em Núm23:22, Balaão diz do passado de Israel: “Deus os tirou [plural] do Egito; Ele tem força como um boi selvagem”. Mas em Núm 24:8, Balaão repete exatamente a mesma linha em hebraico, exceto que ele utiliza formas singulares, aplicando-as ao futuro rei, que tinha sido introduzido no vs. 7: “Deus O [singular] tirou do Egito. Ele tem força como um boi selvagem...” A identidade do “O” como rei conquistador é clarificada mais adiante nos vss. 8b-9, com a descrição da conquista dos inimigos dele, as nações (“Ele consumirá as nações, os inimigos dele...”). Seu caráter messiânico escatológico é certificado no quarto oráculo que segue imediatamente, depois de uma referência introdutória aos últimos dias (vs 14). No quarto oráculo o “Ele” (“O”) do terceiro oráculo é agora, inegavelmente, uma aplicação ao Messias: “Eu O vejo, mas não agora; eu o vejo, mas não de perto; uma estrela sairá de Jacó; um cetro subirá de Israel... e destruirá todos os filhos do tumulto”. (Vs. 17) Como reconhecido por muitos estudiosos evangélicos, esta é claramente uma predição do reinado escatológico do Messias e de sua vitória sobre as forças do mal.

O que emerge desta justaposição dos oráculos de Balaão é um retrato do Rei Messiânico que experimenta um novo Êxodo escatológico e recapitula em sua vida os eventos do Israel histórico em seu Êxodo do Egito e conquista dos seus inimigos.

Nós estamos agora prontos para examinar outra passagem poética encontrada em uma das conjunturas macro-estruturais do Pentateuco, isto é; Êxodo 15. Sailhamer não presta atenção a esta passagem quando examina outros filões poéticos do Pentateuco, possivelmente porque não contém a mesma frase escatológica “nos últimos dias”, como nas outras. Porém, Ninow mostra como Êxodo 15 e números 23-24 incluem um par de passagens poéticas com um motivo comum. Aquele motivo é o Êxodo. Êxodo 15 registra o Cântico

de Moisés, que celebra o Êxodo de Israel do Egito e libertação dos inimigos do Mar Vermelho. Já em Êx 15, como Norbert Lohfink há muito tempo, e mais recentemente Ninow, demonstraram, o Êxodo está aberto para o futuro, com uma descrição de uma passagem segura futura de Israel pelo meio dos seus inimigos (vss. 14-17), em vez do esperado retrato da sua passagem pelo mar vermelho.

Este movimento de progressão no Cântico de Moisés encontra sua contraparte nos oráculos de Balaão, onde o Êxodo de Israel do Egito é visto como pre-figurando o Êxodo do rei Messiânico e a conquista dos inimigos dele. Assim, quando vistos juntos, o Cântico de Moisés (Êx 15) e os Oráculos de Balaão (Num 23-24) formam um par escatológico que destaca o papel do Messias no novo Êxodo escatológico.

Indo além do relato histórico do Êxodo de Israel do Egito, relatado no Pentateuco, nós encontramos nos Profetas numerosos indicadores proféticos verbais de que o Messias viria no contexto de um novo Êxodo e recapitularia em sua vida a experiência do antigo Israel no seu Êxodo, passando pelo mesmo terreno espiritual, mas tendo sucesso onde eles haviam falhado. (Veja, por exemplo, Is 11:15-16;35;40:3-5;41:17-20;42:14-16;43:1-3, 14-21; 48:20-21;49:8-12; 51:9-11; 52:3-6; 11-12; 55:12-13;Jer 16:14-15; 23:4-8; Os 2:14-15; 11:1; 12:9, 13; 13:4-5.). Estas passagens foram reconhecidas amplamente como apontando a um novo Êxodo escatológico no contexto do Messias. A dissertação de Ninow examina cuidadosamente, em detalhes, todos estes indicadores proféticos da tipologia do Êxodo no AT.

Com respeito aos eventos do Êxodo, nós podemos concluir, então, como acontece com a pessoa de Adão, de que os escritores do NT não estão projetando, arbitrariamente, sua interpretação tipológica sobre o AT, mas apenas reconhecendo o que o AT já havia indicado. A tipologia do Êxodo é verdadeiramente preditiva, com a autorização para interpretação tipológica já nas próprias passagens veterotestamentárias sobre o Êxodo.

Tipologia do Santuário

Vamos agora à tipologia do Santuário. Enquanto que as precedentes entidades tipológicas do AT consistiram em pessoas ou eventos, aqui nós temos um exemplo de uma instituição – o culto no

AT. Com respeito à existência de um indicador de que o Santuário do AT é tipológico, este é o mais explícito *typos* de todas as passagens hermenêuticas do NT. Hebreus 8:5 cita diretamente um texto do AT, Êx 25:40, como apoio para a relação tipológica entre o Santuário terrestre e o celeste. Acertadamente, a LXX mesma traduz a palavra hebraica *tabnit* como *typos* ou tipo, fazendo um link inquestionável com a tipologia.

É significativo que desde as primeiras instruções para sua construção, o Santuário é acompanhado com o indicador verbal de que é uma cópia tipológica do original celeste. Em Êx 25:8, Deus instruiu Moisés: “E me farão um Santuário, para que eu possa habitar no meio deles”. No próximo verso (vc. 9) Deus continua: “Segundo tudo o que eu te mostrar para modelo [tabnit] de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis”.

Em minha dissertação, eu faço um detalhada exegese desta passagem, e do verso 40, onde Deus repete suas instruções: “Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo [tabnit] que te foi mostrado no monte”. Eu vejo que o termo hebraico *tabnit*, neste contexto, aponta claramente para uma relação tipológica entre o Santuário terreno e o celeste, como o autor de Hebreus corretamente reconhece. O Santuário terrestre é, em última instância, a cópia do original celeste. Esta interpretação é apoiada por alguns dados: 1) pelos contornos semânticos de *tabnit* (veja esp. 2 Rs 16:10,11); 2) o contexto visionário teofânico imediato de Êx 24; 3) pelos paralelos do AT; 4) pelos paralelos do antigo oriente próximo, e 5) pelas interpretações do judaísmo posterior (Apócrifos, Pseudepígrafos, fontes Rabínicas, e Philo).

Na mesma análise, eu mostro também as numerosas passagens posteriores do AT que fazem a conexão tipológica entre o Santuário terrestre e o Templo celeste: Sl 11:4; 18:6; 60:6; 63:2; 68:35; 96:6; 102:19; 150:1; Is 6; Jn 2:7; Mq 1:2; Hab 2:20; etc.

Assim, está bastante claro que a tipologia do Santuário é realmente preditiva. Os escritores do NT simplesmente anunciam os encadeamentos tipológicos que já haviam sido manifestados no AT por meio de indicadores verbais, ambos no contexto imediato do livro do Êxodo, e em passagens proféticas posteriores.

Outros Exemplos de Tipologia Bíblica

Moisés. Com respeito a pessoas, por exemplo, Moisés (número 5 no quadro 3 do Apêndice) é um tipo de Cristo, e isto já é revelado pelo próprio Moisés, em Dt 18:15-19. Os escritores do Novo Testamento anunciam o cumprimento de suas palavras divinamente inspiradas (veja Jo 1:21;6:114; 7:40; etc.).

Josué. Novamente, Josué (número 6 no quadro 3 do Apêndice) é um tipo de novo Josué, que conduziria seu povo para a Canaã celeste e lhes daria herança. (Eu tenho trabalhado isto no meu comentário do livro de Josué). Que evidência bíblica há no Antigo Testamento de que Josué é verdadeiramente apontado por Deus para ser um tipo de Jesus? A evidência já aparece no nome de Josué! Seu nome era originalmente *Hoshea* e significa “salvação”. Mas em Núm 13:16, vemos que Moisés, aparentemente sob a direção de Deus, mudou-lhe o nome para Josué, “O Senhor [Yahweh] é salvação”. Uma mudança divina de nome na Escritura é uma chamada para olhar o significado do nome mais de perto, e para o caráter e missão que o nome mudado revela. Nós, verdadeiramente, já encontramos isto com Abrão/Abraão (Gn 17-1-8), Sarai/Sara (Gn 17:15-19), e Jacó/Israel (Gn 32:22-32).

O nome Josué está à parte de todos os outros nomes que aparecem ao longo da Escritura. Olhe todo o Pentateuco, inclusive Gênesis, Êxodo, Levítico, e a primeira metade de Números. Não há nenhum nome como este dado a um homem até o tempo dele (embora muitos nomes semelhantes entram depois no registro bíblico). É o primeiro nome teofórico mencionado na Bíblia, quer dizer, o primeiro registro do nome divino (*Yahweh*) tornando-se parte de um nome humano. Parece não ser nenhum acidente que este tipo de nome divino-humano seja dado por Deus primeiramente para Josué, como uma sugestão da missão especial dEle, referindo-se este nome à união do homem e Deus. O nome enfatiza o “Emanuel – Deus conosco”!

Com nossa distinção inglesa [e também portuguesa] entre os nomes Josué e Jesus, é difícil atentar para a plena força do nome de Josué. Mas tanto no hebraico quanto no Grego, Josué e Jesus são um e o mesmo nome. Josué é o mesmo nome do Messias! Não parece coincidência que Deus inspirou Moisés a dar a Josué o mesmo nome reservado desde toda a eternidade para o Futuro Messias.

O caráter sem igual da conexão de Josué com a missão do Filho de Deus também é dramaticamente revelado no Pentateuco, pela comparação do trabalho dado por Deus a Josué com o trabalho do Cristo pré-existente, o “Anjo do Senhor”. As descrições da missão de Josué e a do “Anjo do Senhor” contêm numerosas expressões paralelas e usam exatamente as mesmas palavras hebraicas. Josué e o Anjo do Senhor “passaram adiante” e “foram adiante” de Israel e “os trouxeram para a terra” e “os fizeram herda-la” (compare Êx: 23:23; Núm 27:17,21; Dt 3:28; 31:3,23;). As comparações são claras em sua mensagem: Josué está fazendo o mesmo trabalho que o Anjo do Senhor!

Com paralelos tão próximos da missão de Josué e do Anjo Divino – Cristo, não é sem importância a nota que o Senhor diz relativa ao Anjo: “Meu nome está nEle” (Êx: 23:21). Josué é o primeiro homem na Escritura a receber um nome teofórico, e o Anjo tem o nome divino nEle. Assim o nome do Messias é conectado com a pessoa de Josué.

O que é insinuado com respeito ao nome do primeiro Josué na Escritura, é feito de modo mais explícito com respeito ao Josué pós-exílico, mencionado pelo profeta Zacarias. A palavra do Senhor veio a Zacarias, dizendo: “Eis aqui o homem cujo nome é RENOVO” (Zc 6:12). O nome de Josué é comparado com o Messias – Renovo. Assim, o Antigo Testamento já identifica o nome do Futuro Messias como Josué-Jesus! E a deliberada identidade de nome e missão também indica que, no Antigo Testamento, Josué é um tipo do Josué do Novo Testamento – o Messias.

O Pentateuco dá um indicador profético adicional que Josué é um tipo de Cristo, nas declarações preditivas de Moisés, em Deuteronômio 18. Moisés, antes de sua morte, predisse ao povo de Israel que “O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás” (Dt 18:15). Moisés disse, então, que o Senhor lhe havia dado esta predição: “Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, e em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar” (Dt 18:18).

Da leitura dos paralelos entre o trabalho de Moisés e o de seu sucessor Josué (veja, por exemplo, Js 1:2-5; 3:7; 4:14), seria natural esperar que Josué fosse o profeta que fora predito por Moisés. Contudo, os versos finais do Deuteronômio – como o texto

mesmo indica, foram, por inspiração, adicionados posteriormente, possivelmente por Esdras, rumo ao final da história do Antigo Testamento¹³ - esclarecem que, embora Josué realmente fosse de fato o sucessor de Moisés, ele não era, no mais pleno sentido, um Profeta como Moisés, “com quem o Senhor tivesse tratado face a face” (Dt 34:10).

A implicação é que Josué cumpriu parcialmente a predição, mas seu cumprimento antitípico último ainda estava no futuro – na pessoa de Jesus, o Messias. Assim, a vida de Josué, como a de Moisés, tipologicamente prenunciaram o Futuro Messias. Isto está em paralelo com a profecia de Is 7:14, que teve um cumprimento parcial no filho de Isaías, mas aquele filho (Is 8: 1-3) era um tipo do último, antitípico Filho (Is 9:6), o Messias.¹⁴

Talvez o mais explícito indicador do Antigo Testamento de que Josué é um tipo do Messias, seja aquele encontrado em Is 49:8. Isaías registra a descrição divina do trabalho do futuro Messias: “Repartir [entre o povo de Deus] as herdades assoladas”. Aqui, Isaías usa a mesma expressão hebraica que nós encontramos repetidamente empregada para descrever o trabalho de Josué (veja Dt 31:7; Js 1:6; etc.) Assim, o escritor inspirado indica que Josué, em sua missão de fazer o antigo Israel herdar a terra de Canaã, é um tipo do Messias em seu trabalho de fazer o Israel espiritual herdar a antitípica terra de Canaã.

O que já é anunciado claramente no Antigo Testamento-que Josué é um tipo de Cristo, é verificado na proclamação do Novo Testamento, especialmente em Hebreus 4. Os versos 8-9 identificam a conexão tipológica: “pois, se Josué [“Jesus”, na KJV; tradução errônea, devido ao fato de que, em grego, os dois nomes são idênticos] lhes tivesse dado repouso, então ele [Deus] não teria falado posteriormente de outro dia. Resta, portanto, um repouso para o povo de Deus”. A comparação e contraste entre Josué e Jesus, aqui, indica como Jesus é o antitípico Josué, e se cumpre no antítipo o que só foi parcialmente cumprido no tipo.

¹³ See John Sailhamer, *the Pentateuch as Narrative* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), pp. 478-479; idem., class notes for the doctoral seminar in “Old Testament Interpretation: Inter-textuality,” Trinity Evangelical Divinity School, Fall 1993.

¹⁴ See Richard Davidson. “New Testament Use of the Old Testament,” *Journal of the Adventist Theological Society* 5/1 (1994): 17-19.

Davi. Davi, (número 7 no quadro 3 do Apêndice), em sua experiência de sofrimento e de reger como o Ungido, ou Messias, é um tipo do novo Davi, e isto já é indicado no Salmo 2.

Nas palavras do Salmo 2, ditas por Davi (Atos 4:25), há uma forte evidência de que o Ungido rei Davídico será considerado como um tipo do futuro Messias. O Salmo 2 se move do nível local da instalação terrestre do rei Davídico como o “filho” de Yahweh, para o nível cósmico do divino Filho, para que Ele [o Filho¹⁵] não se irrite, e não pereças no caminho, porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que Nele [no Filho] se refugiam” (Sl 2:12). A frase “obter refúgio em”, é, na escritura, reservada para a divindade, e então, o Filho do vs. 12 não é outro senão o Divino Filho de Deus.¹⁶ Este indicador tipológico interno no Salmo 2 estabelece o padrão para o remanescente do Salmo davídico: o meshiah davídico, ou o “Ungido, que é um tipo escatológico do Messias divino.

O que está implícito nos Salmos fica explícito nos profetas. Sob inspiração, numerosos profetas do AT predisseram que o Messias viria como o novo antitípico Davi e recapitularia em sua vida a experiência do primeiro Davi. Note as seguintes passagens: Jer 23:5; Ez 34:23; 37:24; Is 9:5,6,; 11:1-5; Os 3:5; Am 9:11; Zc 8:3; etc. Assim, os salmos davídicos relativos à experiência de Davi como o Ungido – isto é, seu sofrimento e sua realeza, são, já no AT, anunciados como tipos do Messias davídico futuro. Os escritores do NT e o próprio Jesus, ao citarem os salmos davídicos que apresentam o sofrimento e a realeza do Ungido, estão simplesmente anunciando

¹⁵ The most natural antecedent to the pronoun is the nearest noun, the Son, rather than Yahweh in the previous verse.

¹⁶ For a rich discussion of the NT Messianic fulfillment of Psal 22 (sic), see especially Hans LaRondelle, *Deliverance in the Psalms* (Berrien Springs, MI: First Impressions, 1983), pp. 53-60.

o cumprimento do que já foi indicado no AT.¹⁷

Jonas. O mesmo princípio se aplica a Jonas (número 8 no quadro 3 do Apêndice), que é um tipo do novo Jonas, que estaria 3 dias e três noites no sepulcro, seguido pela ressurreição, como o antigo Jonas (e também Israel) também teve uma experiência virtual de morte-ressurreição por três dias/noites.

Já na oração de Jonas, durante os três dias e noites no ventre do grande peixe, a linguagem virtual que o profeta emprega vai além de sua própria experiência literal. O que ele descreve é uma experiência virtual de morte-ressurreição: “do ventre do Sheol [sepulcro], eu gritei... os ferrolhos da terra correram sobre mim para sempre; contudo, fizeste subir da cova [o sepulcro] a minha vida” (Jonas 2:2, 6).

Somente uns poucos anos depois da experiência de Jonas, enquanto a memória de sua “morte-ressurreição” ainda estava vívida em Israel, seu contemporâneo do oitavo século, o profeta Oséias, parece fazer definida alusão a este evento. Os 6:1-3 se refere claramente ao cativo e restauração de Israel como uma “morte e “ressurreição” no “terceiro dia”¹⁸, paralela à experiência de Jonas. Não parece acidental que, no próximo capítulo, Oséias diga que Israel é “como yonah” (Keyonah, em hebraico, com yonah – o nome de Jonas, significando “pomba”) “que vai para Assíria” (Os 7:11). Outro paralelo interessante está em Os 8:8, onde Israel é descrito

¹⁷ Besides Psalms 2, 16 and 22 (the latter two discussed below), other Davidic psalms thus cited include: Ps 35:19 (John 15:25); Ps 40:6-8 (Heb 10:5-9); Ps 41:9 (John 13:18); Ps 69:4 (John 15:25), 9 (John 2:17; Rom 15:3), 21 (Matt 27:34 and parallels); Ps 109:8 (Acts 1:20). Along with these psalms that are typologically Messianic as they are fulfilled in the New David, there is also David's reference to the “son of man” (Ps 8: 3-8) alluding to Adam (Gen 1:26, 28), which in light of other OT references to the Messianic Son of man (Ps 80:17; Dan 7:13, 14), establishes the typological basis for Adam-Christ typology and the citation in Heb 2:6-9. Another Davidic psalm (Ps 68:18) describes the activity of Yahweh, which in light of the recognition already in the OT that the Angel of Yahweh is also Yahweh (e.g., Gen 16: 7-13; 18:1; 2,33 ; 19:1; Gen 31:11-13; 32:24,30; 48:15-16; Exod 3:2-7; Judg 13:17-22) and the NT identification of Yahweh with Christ (e.g., John 8:58), is seen as referring to Christ in Eph 4:8. (Cf. The non-Davidic psalms similarly cited: Ps 97:7 [Heb 1:60] and Ps 102:25-27 [Heb 1:10-12].) Finally, there is the directly Messianic Davidic Psalm of Psalm 110, where the Lord (the Father) spoke unto David's Lord [the Messiah]. This latter passage is faithfully exegeted in Matt 22:41-46 and Heb 5:5-11; 7: 11-27.

¹⁸ See Bertrand C. Pryce. “The Resurrection Motif in Hosea 5:8-6:6: Na Exegetical Study” (Ph.d diss., Andrews University, 1989) for examination of the exegetical evidence for the death-ressurrection motif in this passage.

como -tragado” (bala’, no hebraico) - a mesma palavra empregada por Jonas ao ser tragado pelo grande peixe (Jonas 1:17). Parece que, ao fazer estas alusões, Oséias pressente Israel como recapitulando a experiência de Jonas na experiência de sua “morte-ressurreição”. No contexto do mesmo oitavo-século A.C., Isaías claramente descreve o Messias como um novo Israel, como já vimos.¹⁹ Isaías revela que o Servo Messiânico representa e recapitula em sua vida a experiência do primeiro Israel, especialmente com respeito a sua morte e ressurreição.²⁰

Assim, para resumir, Oséias indica que Israel é outro Jonas e experimenta uma “morte-ressurreição” no terceiro dia, e Isaías mostra que o Messias é o novo Israel que sofre uma “morte-ressurreição” como o primeiro Israel. Cabe a Jesus, o Mestre Exegeta, chamar atenção para estas conexões do AT entre o “servo” de Deus, Jonas (2 Rs 14:25), o servo Israel, e o Servo Messiânico. Com base nestas relações tipológicas apresentadas no AT, Jesus pode, confiantemente, proclamar o sinal de Jonas: como Jonas esteve no ventre do grande peixe durante “três dias e três noites”²¹, assim, o novo Jonas/Israel estaria no coração da terra e ressuscitaria depois de três dias.

Também, aparentemente com base nestas conexões tipológicas do AT entre Jonas, Israel e Jesus, foi possível a Paulo dizer que Cristo

¹⁹ “See above. our discussion of The New Israel/New Exodus theme as it related to the citation of Hos 11:1 in Matt 2:15.

²⁰ In the Servant Songs of Isaiah 42-53, what is most striking is the frequent alternation between The corporate and the singular servant, with both individual and corporate servants described in The same language. In this way The prophet indicates that the Messianic Servant would be the New Israel. See H. H Rowley, Rowley. *The Servant of the Lord and Other Essays* (London: Lutterworth, 1952). for further discussion. For treatment of the death-resurrection motif with reference to the Messianic servant in Isaiah. see especially Duane F. Lindsey. *The Servant Songs: A Study in Isaiah* (Chicago, IL: Moody Press. 1985).

²¹ “For discussion of the meaning of this phrase, and biblical evidence for inclusive reckoning, so that this expression indicates any part of three days, see SDABC, 5:248-251.

“ressuscitou ao terceiro dia, *segundo as escrituras*”²² (1Co 15:4). Jesus e Paulo permanecem fiéis ao contexto veterotestamentário mais amplo da experiência de Jonas, e, com precisão, anunciam o cumprimento tipológico de Jonas/Israel, indicado pelos profetas do AT.

CONCLUSÃO/IMPLICAÇÕES

O elemento profético da tipologia nos aponta, assim, para um controle bíblico-interno na identificação da tipologia, antes que o tipo encontre o antítipo. Uma implicação crucial deste controle é que, não necessariamente, toda pessoa, evento ou instituição do AT foram divinamente designados para funcionar com um *typos*. Ninguém deveria dizer, como faz Gerhard von Rad, que o número de tipos do AT é ilimitado e onde quer que, retroativamente, alguém encontre correspondência de realidades históricas entre o AT e o NT, haja tipologia. A palavra tipologia não deveria ser comparada a uma analogia humana geral, como von Rad e outros proponentes da “neo-tipologia” pós-crítica têm reivindicado. Um tipo é uma realidade histórica específica que Deus tem divinamente ordenado para prefigurar seu antítipo na história da salvação, e a identidade de cada *typos* é revelada por um indicador verbal que o acompanha.

Outra implicação deste controle profético que pode haver tipos veterotestamentários cujos cumprimentos antitípicos não foram indicados no NT. O NT se refere a numerosos tipos do AT, mas não reivindica esvaziar a lista de todos estes tipos. A exegese dos indicadores verbais do AT pode revelar realidades do Evangelho, provocadas por Ele. Um exemplo que vem imediatamente à mente é o de José, que pode ser visto como um tipo do Messias, em Gn 49 e Dt 33, cuja vida está, de diversas maneiras, em paralelo com a de Jesus. Contudo, não é explicitamente considerado um tipo pelos escritores do NT.

²² The third-day timing of the Messiah’s resurrection is also probably indicated in the typology of the wave sheaf in Leviticus 23. A sheaf of barley was to be waved “on the day after the sabbath” of Passover week (Lev 23:11). If the sabbath referred to here is the first day of the Feast of Unleavened Bread (Nisan 15), then the wave sheaf would always be waved on Nisan 16, the third day from Nisan 14 when the Passover was celebrated. Paul recognizes that Jesus in his resurrection is the antitypical wave-sheaf, the first-fruits of the coming harvest (1 Cor 15:20,23).

Uma implicação final que gostaria de mencionar, com respeito ao controle profético, é que o que é verdade na tipologia entre o AT e o NT também pode ser visto na tipologia interna do NT. Por exemplo, Mateus 24 parece indicar que a destruição de Jerusalém funciona como um *typos* da destruição final do mundo, no segundo advento de Jesus. Neste caso, o indicador verbal do tipo e do antítipo no NT está presente na tipologia de Mt 24. Outra tipologia que aponta ao futuro é, especialmente, a encontrada no livro do Apocalipse.

APÊNDICE

Quadro 1 A Natureza da Tipologia Bíblica Os Dois Principais Pontos de Vista Modernos

A visão Tradicional	Visão da Neo-Tipologia Pós-Crítica
1. Enraizada em realidades históricas – a historicidade dos tipos é essencial.	1. A historicidade dos tipos não é essencial.
2. Suas prefigurações são divinamente designadas.	2. Analogias e correspondências dentro dos modos similares da ação de Deus.
3. É prospectiva, profética e preditiva.	3. É retrospectiva – pouco ou nenhum elemento preditivo; baseada no corriqueiro modo humano de pensar analogicamente.
4. As prefigurações se estendem a detalhes específicos.	4. Envolve somente situações gerais paralelas.
5. Inclui tanto a tipologia vertical (terra/céu) quanto a horizontal (histórica).	5. Aceita somente correspondências horizontais e rejeita a tipologia vertical como vestígio do pensamento mitológico do Antigo Oriente Próximo, alienado da perspectiva bíblica.
6. Envolve princípios consistentes de interpretação.	6. Nenhuma sistematização ou ordem; baseada na liberdade do intérprete no Espírito.
7. Limitado número de tipos.	7. O número de tipos potenciais é ilimitado.

Quadro 2
Os elementos Básicos da Tipologia Bíblica
Por Richard M. Davison
Andrews University

1. **O elemento histórico** sublinha o fato que a tipologia está arraigada na história. Três aspectos cruciais estão envolvidos: (1) tipo e antítipo são *realidades históricas* (pessoas, eventos, instituições) cuja historicidade é assumida e essencial ao argumento tipológico; (2) há uma *correspondência histórica* entre tipo e antítipo que vai de situações gerais paralelas para detalhes correspondentes específicos; (3) há uma gradação ou intensificação do tipo para o antítipo.

2. **Os elementos escatológicos (“fim-do-tempo”)** da tipologia avança clarificando a natureza da correspondência histórica e intensificação entre tipo e antítipo. As realidades do Antigo Testamento não estão vinculadas a qualquer realidade semelhante, mas ao cumprimento escatológico delas. Três possíveis aspectos do cumprimento escatológico podem ser visto: (1) “*inaugurado*” – relacionado com o primeiro advento de Cristo; (2) “*apropriado*” – enfoca o tempo da igreja que vive em tensão entre o “já” e o “ainda não”; e (3) “*consumado*” – relacionado ao Apocalíptico Segundo Advento de Cristo.

3. **O elemento Cristológico-(centrado em Cristo)-soteriológico (centrado na salvação)** da tipologia bíblica destaca seu foco essencial e ponto principal. Os tipos do Antigo Testamento não são realidades meramente “nuas”, mas *realidades salvíficas*, que encontram cumprimento na pessoa e obra de Cristo e/ou nas realidades do Evangelho causadas por Cristo. Cristo é, assim, o último ponto de orientação dos tipos do Antigo Testamento e o seu cumprimento no Novo.

4. **O elemento eclesiológico (relacionado à igreja)** da tipologia bíblica aponta para três possíveis aspectos da Igreja que podem estar envolvidos no cumprimento tipológico: os adoradores individuais, a comunidade incorporada, e/ou os sacramento (Batismo e a Ceia do

Senhor).

5. **O elemento profético** da tipologia bíblica envolve três pontos essenciais. Primeiro, o tipo do Antigo Testamento é uma apresentação avançada ou prefiguração do antítipo correspondente do novo testamento. Segundo, o tipo é divinamente projetado para prefigurar o antítipo do Novo Testamento, dando-lhe a força de um prenúncio profético/preditivo do seu cumprimento em o Novo Testamento.

Colocando tudo isto junto, a tipologia pode ser definida como um empenho hermenêutico por parte dos escritores do Novo Testamento como um estudo das realidades históricas da salvação no Antigo Testamento, ou dos “tipos” (pessoas, eventos, instituições) os quais Deus, especificamente, projetou para corresponder e prefigurar preditivamente os aspectos do seu cumprimento antítipo (inaugurado, apropriado, consumado) na história da salvação do Novo Testamento. Em suma, a visão tradicional da tipologia, e não a pós-crítica é corroborada pelos dados da Escritura.

Estes elementos característicos da tipologia bíblica emergiram de detalhada exegese das passagens do NT que usam typos ou antitypos para identificar sua abordagem hermenêutica no AT: Rm 5:12-21; 1 Cor 10:1-13; 1 Pe 3; 18-22; Heb 8:5; e Heb 9:24. Para esta exegese, veja a dissertação publicada do autor, *typology in Scripture: A Study of Hermeneutical Typos Structures* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981).

Quadro 3
Interpretação tipológica do AT: Indicadores proféticos indicando os tipos.

TIPO DO AT (PESSOA, EVENTO, INSTITUIÇÃO)	INDICADOR VERBAL DE TIPOLOGIA DO AT	ANÚNCIO DO ANTÍTIPO DO NT
1. Adão Gn 1-5	<p>Contexto imediato: Gn 1:26-27; 2:5-7, 18:23; 3:15, 17; 5:1-2 (Solidariedade corporativa de Adão com “humanidade” e com a semente Messiânica) Indicadores posteriores no AT: Ps 8:4-8; Dn 7:13-14.</p>	<p>Adão Antítipo Rom 5:12-21; 1 Co 15:21-22, 45-49; Heb 2:6-8; cf. Mt 24:30; 26:64; etc.</p>
2. Dilúvio Gn 6-9	<p>Novo julgamento/salvação cósmico</p> <p>Contexto imediato: Gn 6:13; 7:23; 8:1 (ver Warren Gage, the Gospol in Genesis, pp. 7-16)</p> <p>Indicadores posteriores No AT: Is 24:18; 28:2; 43:2; 54:8-9; Na 1:8; Dn 9:26;</p>	<p>Antítipo do Dilúvio</p> <p>1 Pe 3:18-21; cf. Mt 24:37-39; Lc 17:26-27; 2 Pe 2:5, 9; 3:5-7</p>

3. Êxodo	Novo Êxodo	Êxodo Antitípico
<p>Êxodo - Números</p>	<p>Contexto imediato: Ex 15:14-17; Nm 23-24 (esp. 23:22; 24:28, 14-17; ver John Saihamer, <i>The Pentateuch as Narrative</i>, 408) Indicadores posteriores no AT: Os 2:14-15; 12:9, 13; 13:4-5; Jr 23:4-8; 16:14-15; 31,32; Is 11:15-16;35;40:3-5;41:17-20; 42:14-16; 43:1-3, 14:21; 48:20-21;49:8-12; 51:9-11; 52:3-6, 11-12; 55:12-13 (ver C. H. Dodd, <i>According to the Sriptures</i>, 75-133; Friedbert Ninow, <i>Indicators of Typology within the old testament: the Exodus Motif</i> [Frankfort am Main, New York: P. Lang, 2001])</p>	<p>1 Co 10:1-13; cf. Mt 1-5; Lc 9:31; etc. (ver Davison, <i>Typology in Scripture</i>, 193-297; George Balentine, "The Concept of the New Exodus in the Gospels," Th.D. dissertation, (1961)</p>
<p>4. Santuário Terrestre Êxodo 25-40</p>	<p>Santuário Terrestre, uma cópia do Celeste</p> <p>Contexto imediato: Ex 25:9, 40;</p> <p>Indicadores posteriores no AT: Sl 11:4; 18:6, 60:8; 63:2; 68:35; 96:6; 102:19; 150:1; Is 6; Jn 2:7; Mq 1:2; Hab 2:20; etc (ver Davidson, <i>Typology in Scripture</i>, 367-388).</p>	<p>Santuário celeste Antitípico</p> <p>Heb 8:5; 9:24; cf. Ap 8:1-5; 11:19; 16:1; etc.</p>

5. Moisés	Novo Moisés	Moisés Antitípico
Pentateuco	Contexto imediato: Dt 18:15-19 Outros indicadores no AT: Dt 34:10 (A d i c i o n a d o provavelmente por Esdras; ver Sailhamer, <i>The Pentateuch as Narrative</i> , 456,478-9).	Jo 1:21; 6:14; 8:40; etc
6. Josué	Novo Josué	Josué Antitípico
O livro de Josué	Contexto imediato: Contexto imediato: Ex 23:23; Num 13:8, 16; 27:17,21; Dt 3:28; 18:15-17; 31:3, 23; 34:10-12; Js 1:2-5; 3:7; 4:14 (Josué faz a mesma obra do Anjo do Senhor, e de Moisés, mas, claramente, não é o novo Moisés) Indicadores posteriores no AT: Is 49:8 (o Messias faz a mesma obra como a de Josué em Dt 3:1-7; Js 1:6); veja Davidson, in the <i>Footsteps of Joshua</i> , 24-35	Hb 4; cf. Mt 11:28; Ef 1:11, 14, 18; Cl 2:15; 3:24; Heb 1:4, 9:15; 12:22-24.

7. Davi	Novo Davi	Davi Antítípico
Os Salmos	Contexto imediato: Sl 2 (esp. vs. 12); 16:8-11; 22; 40: 6-8; etc. (a linguagem ultrapassa o Davi histórico) Indicadores posteriores no AT: Jr 23:5; Ez 34:23; 37:24; Daniel 9:26 (Ecoando Sl 22:11)	Mt 1: 1-18 (é o número gemátrico de Davi); Jo 19:24; At 2:29-33; 13:31-37; Hb 1:5; 5:5; 10:5-9; etc.
8. Jonas	Novo Jonas	Jonas Antítipo
O livro de Jonas	Contexto imediato de Jonas: Jn 1:17; 2:2, 6 (linguagem de morte ressurreição, dias/noites; descrição que ultrapassa o Jonas histórico) Indicadores posteriores no AT: Os 6:1-3 (experiência da morte – ressurreição de Israel, terceiro dia); Os 7:11 (Israel é como uma tola “yonah” [pomba]; Is 41-53 (O Messias apresenta e recapitula a experiência de Israel, especialmente na morte-ressurreição) Is 41:8; 42:1; 44:1; 49:3-6; 52:13-53: 11; etc.); ver Davison, “NT Use of OT”, 29-30.	Mt 12:39-41; 16:4; Lc 11:29-32;